

VULNERABILIDADE E DESAMPARO NA INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA: UMA BREVE REFLEXÃO PSICANALÍTICA A PARTIR DO FILME “CIDADE DE DEUS”

JESSICA ISIS FARIA¹;
CAMILA OLIVEIRA LEITE DE SOUZA; DHIULYANE FARIAS GOMES FUENTES²;
DANIELA DELIAS³

¹Universidade Federal do Rio Grande – FURG – jessica.isis@outlook.com.br

²Universidade Federal do Rio Grande – FURG – alimac.c03@gmail.com; dhiulyane@gmail.com

³Universidade Federal do Rio Grande - FURG – daniela.delias@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O desenvolvimento humano é permeado por situações ambientais e emocionais que podem oferecer risco ou proteção à criança e ao adolescente. De acordo com VIEIRA; ZORNING (2015), as relações entre infância, adolescência e comunidade têm caráter de confiança e é ela, a comunidade, que proporciona condições favoráveis para que a pessoa em desenvolvimento se coloque de forma criativa e saudável no mundo.

Dessa maneira, a literatura é consistente ao afirmar que o ambiente, sobretudo o meio social, desempenha um papel importante na construção do sujeito. Em FREUD (1927/1996), por exemplo, encontra-se o conceito de *desamparo* como sendo uma condição estrutural inerente ao ser humano, dividido entre a necessidade de convivência pacífica com seus pares e a presença de seus mais primitivos desejos, os quais buscam a plena satisfação pela destruição, pela violência e, até mesmo, pela morte de seus semelhantes. Na mesma direção, RASSIAL (2006) transfere para a cultura/civilização/laço social a função materna de amparo, que fornece meios simbólicos e imaginários de reconhecimento do que representa ao sujeito e reafirma sua identidade.

Tendo em vista estes apontamentos iniciais, propomos, a partir de uma análise do filme CIDADE DE DEUS (Brasil, 2002), uma reflexão sobre a infância e a adolescência vividas em situação de vulnerabilidade psicossocial. Nesta reflexão, discutimos algumas contribuições da psicanálise acerca do papel da cultura no desenvolvimento humano, sobretudo no que se refere ao seu caráter estruturante.

2. METODOLOGIA

O método de pesquisa adotado tem como característica uma construção simultânea com o conteúdo do que é analisado, de modo que o material consultado, as discussões feitas e as relações levantadas formam os caminhos da pesquisa. Esse método, proposto por PAREYSON (2001), parece-nos adequado para aproximações entre cinema e psicanálise, à medida que aponta para a perspectiva da *formatividade* no que se refere à arte, isto é, a ideia de um fazer no *por-vir*. Nesse sentido, expandimos o termo *arte* para a metodologia de pesquisa, considerando-se as similaridades na concepção do processo criativo do artista e do pesquisador. A partir da exibição do filme CIDADE DE DEUS (Brasil, 2002) realizou-se, inicialmente, um debate sobre o delineamento a ser tomado. A temática escolhida como foco de análise foi a dos cenários que perpassam a experiência do crescimento humano diante da vulnerabilidade social e econômica, sobretudo a marginalização e

exclusão social da população periférica. Posteriormente, realizou-se uma busca de artigos e textos relacionados aos temas para a construção do presente texto, que propôs associar o conteúdo da película com a literatura.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A película CIDADE DE DEUS (Brasil, 2002), de Fernando Meirelles e Kátia Lund, narra as vivências de uma periferia que surge no Rio de Janeiro na década de 1970 e tem como personagens principais os moradores da comunidade, entre eles Zé pequeno, Mané Galinha, Bené, Sandro Cenoura, e, também, Buscapé que é o narrador-protagonista. Enquanto Buscapé (protagonista) tenta se afastar das mazelas que atingem a Cidade de Deus, Dadinho e Bené, garotos da sua idade, acompanhavam os assaltantes da região nos seus crimes. Mais tarde, Dadinho se torna Zé Pequeno, um bandido perigoso que tomou quase todos os pontos de tráfico e virou o “dono” da região.

A conduta violenta de Zé Pequeno chega ao extremo com a morte do companheiro Bené, que ajudava a manter a paz entre os criminosos e mediar os conflitos que aconteciam entre os traficantes. Sozinho e desesperançoso, Zé Pequeno tenta se distrair com diversas coisas. Assim, provoca uma moradora da comunidade, companheira de Mané Galinha, mas é rejeitado. Revoltado com a situação, Zé Pequeno estupra a mulher na frente de Mané Galinha e, em seguida, metralha a sua casa. Contudo, Galinha que tinha sido atirador do exército, inicia a sua vingança, matando 12 homens da gangue inimiga. Para se proteger, acaba se unindo a Sandro Cenoura, outro traficante da região, e começa uma guerra avassaladora entre facções. Buscapé luta para sobreviver no meio do caos, trabalhando com entregador de jornais e sonhando com uma carreira de fotógrafo, o jovem encontra a sua chance: se conseguir mais fotos do bandido, é contratado para trabalhar no jornal.

O grupo de Pequeno vai diminuindo com o tempo e o traficante acaba recrutando crianças cada vez mais novas para lutar do seu lado. Sem dinheiro, rouba o seu traficante de armas, Tio Sam, que trabalhava para um policial corrupto. Mané Galinha morre com o tiro de uma criança cujo pai assassinou no passado. A polícia entra na comunidade em busca do dinheiro, Zé Pequeno paga a sua dívida e Buscapé consegue fotografar o momento. O traficante acaba sendo morto pela própria gangue, que ocupa a “boca de fumo”.

Enquanto a história de violência se perpetua, Buscapé tem duas escolhas: expor a corrupção da polícia ou vender a foto do bandido morto para o jornal. Acaba escolhendo a segunda opção e conquistando uma carreira na fotografia. Buscapé afirma que “*não quer ser polícia nem ladrão*”, exibindo sua neutralidade e vontade de sair da situação em que se encontra, pois a (sobre)vivência em meio ao caos não é fácil de ser elaborada. Percebemos que a criminalidade pode ser vista como um plano de carreira, pois é um sistema hierarquizado e com responsabilidades progressivas a cada posição que é assumida.

Inicialmente, um dos aspectos da película que nos parece interessante destacar refere-se à influência da mídia em difamar a imagem das pessoas, bem como passar uma ideia errônea do que é a experiência de viver em uma favela, pois o exibicionismo e a ostentação do confronto entre as facções fizeram uma

movimentação de marketing para disseminar os efeitos da guerra e o poder bélico e a influência do tráfico na movimentação da “Cidade maravilhosa”. Tais manifestações têm efeitos negativos para a comunidade até o momento atual.

Em relação à narrativa propriamente dita, podemos apontar possíveis motivos para a criminalidade, tais como a vingança e a desestruturação das famílias. Além disso, a construção da Cidade de Deus foi acontecendo com a ideia de “encontrar o paraíso”: famílias foram ocupando o morro, mas não haviam condições básicas para a estadia de uma população. Contudo, pelo fato da favela não se dispor perto da região turística e do “cartão postal”, o povo foi deixado de lado e as mazelas sociais os arrebataram.

É pertinente a analogia feita no início do filme entre uma galinha tentando escapar da morte e o desespero das pessoas que viviam na comunidade e tinham/tem que conviver com a morte, espreitando-as. Além disso, outra analogia possível de ser feita é relacionada com o protagonista, pois Buscapé tenta transformar seu contexto por meio da fotografia. Sua profissão é o meio de mudar a sua vida e o apontamento feito pela câmera fotográfica pode ser considerado um lado B do apontamento das armas, e o olhar pelas lentes como uma nova visão de sua realidade, tanto para o protagonista quanto para quem acompanha sua jornada ao longo do filme. Pode-se verificar esse apontamento com VIEIRA; ZORNING (2015): “A realidade da maioria das favelas do Rio de Janeiro é de um enorme desamparo social e de muita violência. [...] Sabe-se que quem sofre primeiramente as consequências deste cenário são os moradores das comunidades que vivem sob o medo e o terror que é gerado.”

Como aspecto visual, podemos verificar uma estética de cores alaranjadas e tons terrosos, que contribuem para a compreensão do contexto da periferia na época. Além disso, a musicalidade ajuda para dar ritmo ao filme, pois nem só de sangue a comunidade é banhada. Todavia, percebemos que a condição em que a Cidade de Deus se encontra é fruto de um sistema cruel e explicita um ambiente misógino e opressivo em que sempre há a manutenção de um ciclo de morte e violência, o qual os mais prejudicados são as pessoas que vivem naquele local.

É possível justificar, em parte, a grande adesão ao mundo do crime representada no filme “Cidade de Deus”. A maioria das crianças aspirava fazer parte da criminalidade e ascender socialmente através dela, corroborando a teoria freudiana que aponta a realidade em que se vive como parte essencial na formação da consciência moral. Neste processo de formação, segundo FREUD (1927/1996), o desamparo, em sua inevitabilidade, torna-se algo de constitutivo e estruturador da subjetividade humana: diante da fome que a perturba, a criança apega-se à mãe que lhe satisfaz, afastando-a daquela angústia inicial gerada pela carência fisiológica. A mãe se lhe manifesta não somente como seu primeiro objeto de amor, mas também como o seu primeiro amparo diante da ameaça que lhe despertou o estado de desequilíbrio. A figura da mãe protetora, para Freud, logo será substituída pelo pai e pela cultura, trazendo o sentimento ambivalente de medo e fascínio, de desejo de aproximação e simultaneamente de rejeição/extinção.

Pode-se ver também como esta busca de um pai/uma cultura que ampare já era discutida nas afirmações de Freud sobre grupos e líderes no texto Psicologia das Massas e Análise do Ego, de 1921, quando abordava a questão do prestígio

como uma forma de domínio de uma ideia ou indivíduo sobre o outro, fazendo-o deixar de lado a razão e substituindo-a por uma sensação de admiração e respeito, o que remete a relação dessas crianças com os líderes do tráfico na comunidade. Porém, a análise filmográfica torna visíveis exceções ao que se estabelece quase que como regra no contexto da favela. Buscapé é um exemplo de criança que cresceu em um meio violento e mesmo assim desenvolveu uma moralidade que condena a violência e foge dela, ao contrário da maioria dos outros personagens. Dessa forma, nota-se que outros aspectos devem ser levados em consideração quando se fala de moral. FREUD (1927/1996) cita o conflito da internalização de regras morais com as pulsões, o que evidencia que a subjetividade também é parte relevante na constituição da moralidade e que o ambiente não estabelece uma relação determinista.

4. CONCLUSÕES

A adaptação cinematográfica relata uma história real da constituição da Cidade de Deus. Demonstra o crime organizado como uma espécie de irmandade e o estabelecimento de uma relação de intimidade. Contudo, a corrupção é explícita, uma vez que a polícia é conivente com o crime. Além disso, podemos destacar a vulnerabilidade da população periférica, sendo visível a oportunidade de conquistar dinheiro e segurança por meio do crime. Nesse contexto, ocorre também a criação de ídolos, que fazem suas próprias leis e oportunidades, tirando daqueles que têm mais e dando para aqueles que não possuem, como Robin Hood.

A análise realizada permitiu algumas aproximações entre psicanálise e cinema, sobretudo no que se refere às concepções freudianas acerca do lugar do desamparo no desenvolvimento humano e, na busca de líderes, o encontro de modelos identificatórios que assegurem a construção da identidade. Na mesma direção, esta breve análise aponta para o desejo de aprofundamento dos estudos sobre as contribuições das teorias psicanalíticas para a compreensão dos contextos de vulnerabilidade psicossocial na infância e na adolescência.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CIDADE de Deus, Direção de Fernando Meirelles e Kátia Lund. Rio de Janeiro, Brasil: GLOBO FILMES e O2 FILMES, 2002. 1 DVD (130 min)

FREUD, S. Psicologia das massas e análise do ego. Rio de Janeiro: Imago, 1996. 18v.

FREUD, S. O futuro de uma ilusão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. 21v.

PAREYSON, L. Os problemas da estética. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RASSIAL, J.J. Cultura como conceito psicanalítico. Textura – Revista de Psicanálise. São Paulo: ano 6, n.6, p.32-34, 2006.

VIEIRA, A.C.D.; ZORNIG, S.M.A.J. Ambiente violento, infância perdida? **Revista Latinoamericana de Psicopatologia**, São Paulo, v.18, n.1, p.88-101, 2015 .